

# Indígenas com vírus igual ao da Aids

Descoberta foi feita por cientistas ao pesquisarem povos nativos da Amazônia

CARMEN DA CRUZ  
Enviado Especial

**Belém** — Cientistas da Universidade Federal do Pará, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, de Ribeirão Preto, de Ilhéus e da Universidade de Yale, Estados Unidos, que pesquisavam as populações nativas da Amazônia, descobriram que alguns índios possuem anticorpos para um tipo de vírus do grupo D de retrovírus da Aids.

O achado despertou a atenção do mundo inteiro, mas o trabalho não pode ser continuado porque os órgãos de fomento a estas pesquisas ainda não deferiram o pedido de prorrogação feito no final do ano passado.

A mesma reação verificada em populações indígenas de Rondônia, do Amapá, do Maranhão e do Pará está presente em algumas espécies de macacos da região. O médico francês Luc Montaigner manteve contato com o pesquisador Francis Lee Black, da Universidade de Yale - que participava dos estudos - demonstrando grande interesse em vir ao Brasil. A descoberta pode significar os primeiros passos para a vacina contra a Aids.

Para falar do projeto de pesquisa de antropologia genética que vinha sendo desenvolvido há vários anos pela Universidade do Pará e que possibilitou a recente descoberta, o diretor do Centro de Ciências Humanas, Sidney Emanuel Batista Santos, esclarece que não se trata do vírus da Aids. Os testes de-

monstram que os índios apresentam anticorpos para um vírus que nem é o HIV 1 nem o HIV 2. "Ele se assemelha ao HIV 2", explica o virologista Ricardo Ishak, professor adjunto da UPA, também da equipe de pesquisadores.

## IMUNIDADE

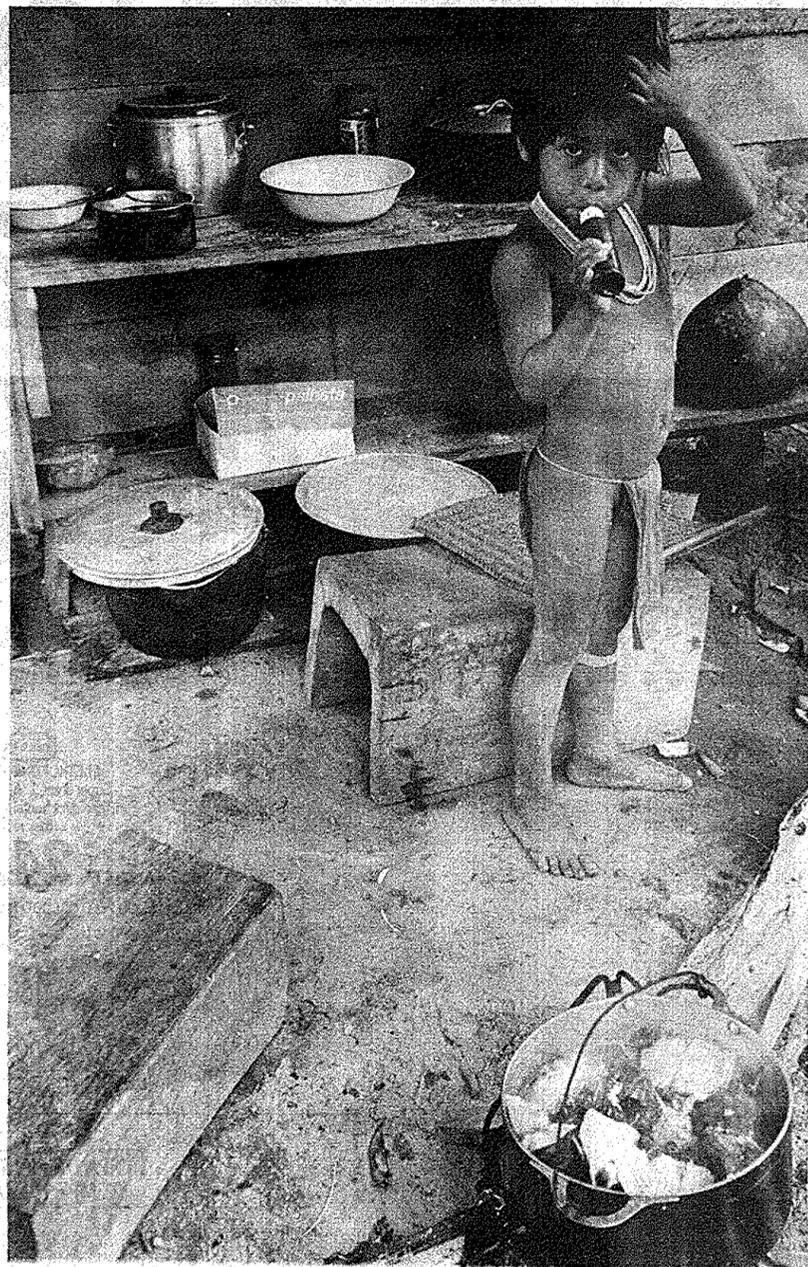
O que se espera, a partir de agora, é que as pesquisas possam indicar a possibilidade de uma subunidade à Aids, a partir de um vírus correlato que sirva para gerar anticorpos de outro vírus. Até o momento, os estudos foram feitos dentro do Programa de Antropologia Genética e Pesquisas Epidemiológicas financiados pelo CNPq, com apoio da Funai. Concluída a primeira parte dos estudos e vencido o prazo de dois anos, os pesquisadores enviaram relatório minucioso a estes órgãos, esclarecendo que as investigações futuras são muito importantes.

De acordo com Ricardo Ishak, a presença de anticorpos ao vírus, que eles chamaram de HIV 0, sugere mais que estas populações tiveram contato com o vírus do que imunizadas, porque elas não desenvolvem esta imunidade. Mesmo explicando que seria difícil mostrar como se deu a troca entre macacos (guariba) e os índios, Ricardo Ishak afirma que os indígenas, que se alimentam de macacos, podem ferir-se ao manipular o animal ao prepará-lo para suas refeições.

Paralelamente a estas pes-

quisas, os cientistas da Universidade do Pará e do Departamento de Epidemiologia da Universidade de Yale desenvolveram, com recursos do Finepe (Financiamento de Estudos e Projetos) um trabalho com primatas, dentro da mesma metodologia. O geneticista João Farias Guerreiro, também da UPA, informou que não se conhece nada do macaco da Amazônia, e, ao estudar as características genéticas de vários grupos, o macaco, com certeza, terá outra classificação. Foi a partir deste programa que o biólogo de Yale, Lee Black, se interessou em estudar a presença de retrovírus nesses macacos.

Os cientistas buscam agora apoio financeiro da Finepe para as pesquisas de antropologia genética e epidemiologia. Por enquanto eles aguardam o aval do CNPq e da Funai para a retomada dos estudos. Uma colaboração entre Luc Montaigner e a equipe de Ricardo Ishak não foi descartada, desde que o cientista francês apresente um projeto de cooperação onde os brasileiros não sejam meros coletadores de plasma. Segundo Ricardo Ishak, não dispomos de todos os equipamentos para as pesquisas e isolamento do vírus, entretanto, se fôssemos cultivar o sangue do macaco e depois enviar o espécime positivo para os Estados Unidos, implicaria em cessão de tecnologia. Os mais otimistas pesquisadores acreditam que esse trabalho demoraria no mínimo cinco anos.



No interior da cabana, o pequeno índio mostra-se familiarizado com a mamadeira

## Pesquisa teve início há 20 anos

**Belém** — As populações nativas da Amazônia estão sendo pesquisadas, há mais de 20 anos, pelo professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Francisco Maruro Salzano, que assistiu às teses de mestrado e de doutorado de quase todos os membros do Departamento de Genética de Belém. "Não conseguimos mais romper o cordão umbilical com Porto Alegre", justifica o geneticista João Guerreiro, atualmente na aldeia de Waiana Apalal, prestando assistência médica aos índios da região, cumprindo convênio entre Funai e Universidade do Pará.

Francis Less Black veio para o Brasil trabalhar com Salzano e pouco tempo depois a sua equipe no norte da Amazônia estava empenhada em coletar material no maior laboratório racial do mundo. Há 10 anos foram iniciados os estudos de epidemiologia em grupos indígenas, em populações negras isoladas e em comunidades tribais. Já em 1983 as doenças sexualmente transmissíveis começaram a ser pesquisadas. Os primeiros testes de Aids foram feitos com plasmas colhidos antes de 1980.

De acordo com o geneticista Sidney E. B. Santos, diretor do Centro de Ciências Biológicas da UPA, os testes Elisa foram feitos em 2 mil 441 índios dos estados de Rondônia, Amapá, Maranhão e Pará, e poucos apresentaram resultados positivos após os últimos testes específicos. Após o Elisa foram feitos os de imuno-fluorescência, mais apurados, e em seguida, com o western bloy, se verificou que havia uma reação não ao vírus da Aids, mas a outro parecido.

A presença maior de anticorpos para o HIV0 foi constatada em populações indígenas que estão mais próximas de comunidades brancas, ou tribais. Entre os Xikrim, por exemplo, os cientistas encontraram estas reações em várias aldeias. Entre os Apalal,

que vivem em nove aldeias próximas ao rio Paru do Leste, afluente do Amazonas, município de Almeirim (PA), alguns casos também foram detectados.

## TESTES

As pesquisas se estenderam aos índios Urubu-Caapor, da reserva indígena do Alto Turiaçu (MA), aos Assumirini, aos Paracaná, Mundurucu, Arara, Iamamadi e aos Cararao, no Pará. A aldeia de Caritiana, perto do rio Madeira (Rondônia) e os 360 índios Suruí, que são do tronco Tupi, também foram estudados. Ainda em Rondônia, quase mil indígenas Cinta-Larga, do posto de Roosevelt, foram submetidos aos testes. No Oiapoque (AP), o trabalho foi feito com os três grupos sociais dos Waiampi, aldeias de Maruru, de Amaçari, Amapari e do Molocopote.

Sidney Emanuel dos Santos ressaltou que estes testes foram aplicados dentro dos trabalhos de epidemiologia, que investigam também a ocorrência de pneumonia, influenza (gripe), sarampo, rubéola, sífilis, cachumba, hepatite A e B, para-influenza, entre outros. Os primeiros casos de hepatite e de sífilis levaram os médicos a desenvolverem pesquisas específicas nessa área. Entre os Urubu-Caapor, os casos de sífilis chegaram a preocupar os estudiosos. Entre os Xikrim e os Paracaná, no Pará, os médicos encontraram grande incidência da bactéria Chlamydia trachomatis, que para os pesquisadores é muito importante nos quadros clínicos que pode apresentar.

Entre outras conseqüências, a Chlamydia trachomatis provoca a esterilidade e a tracoma. Ela pode ser disseminada não só pela via sexual, o que representa grande perigo para os índios, que vivem em promiscuidade habitacional. Em algumas tribos a disseminação da bactéria já chega a 70 por cento,

principalmente nas áreas de garimpos. Nos Xicrim, a disseminação atingiu 50 por cento da população. "O perigo está sendo analisado em termos de continuidade de grupos", acrescenta Ricardo Ishak.

As pesquisas epidemiológicas, por sua vez, fazem parte do Programa de Genética Humana da UPA, iniciado em 1983 e tem por finalidade determinar a variabilidade genética em relação a 34 sistemas de soro e das hemácias, bem como ao sistema de histocompatibilidade (HLA), entre outras. Querem também averiguar os métodos de proteção das tribos contra doenças infecciosas, correlacionar traços genéticos específicos com respostas imunológicas, e a susceptibilidade individual a doenças infecciosas. E investigar a presença de anticorpos contra víruses específicas, como retrovírus identificado recentemente.

## ORIGEM

Com esse trabalho, os cientistas pretendem encontrar a origem dos povos nativos da Amazônia. De acordo com o geneticista João Guerreiro, que está indo para os Estados Unidos iniciar um programa que o CNPq está estimulando, chamado ações especiais para pesquisas de fronteiras em genética, os resultados dos estudos com os grupos até agora estudados sugerem que a principal origem desses povos é a Sibéria. Eles vieram para o continente americano através do Estreito de Bering. Há sugestões também de origens das ilhas do Pacífico, Polinésia.

Ao mesmo tempo, estudiosos russos investigam os componentes genéticos das populações da Sibéria. Os trabalhos de João Guerreiro, de Sidney dos Santos e outros brasileiros estão sendo publicados quase mensalmente em revistas especializadas estrangeiras e os maiores pedidos surgem exatamente do leste da Europa.

## Biólogo dos EUA agiliza retorno

**Belém** — Enquanto os cientistas da Universidade do Pará aguardam a autorização do Conselho Nacional de Pesquisas Científicas (CNPq) para dar continuidade ao projeto, nos Estados Unidos o biólogo Francis Lee Black se esforça para cumprir todas as exigências feitas pelo órgão a fim de voltar a integrar a equipe. E que no ano passado, a antropóloga brasileira Beth Mindl, da USP e ligada à Associação Brasileira de Antropologia, encontrou o médico norte-americano em Rondônia e soube dos testes. Voltou à "civilização" e denunciou que americanos estavam pesquisando Aids em indígenas do Brasil sem autorização da Funai.

A reação foi imediata. Antes mesmo de concluírem o relatório, os pesquisadores tiveram de ir a Brasília para esclarecer que o projeto em execução era absolutamente legal e aprovado tanto pelo CNPq quanto pela Funai. Esclarecido o equívoco, os médicos perceberam que estão sendo colocados uma série de obstáculos pelo CNPq para a continuidade dos trabalhos. O geneticista João Guerreiro justificou que a ABA faz parte do comitê especial do CNPq, que dá pareceres para expedições científicas em áreas indígenas e pode estar obstando a abordagem que os cientistas estão dando.

Com isso, Francis Lee Black, que virá a Belém este mês para uma conferência sobre as populações da Amazônia, está tirando abreviações e atestados que, para alguns cientistas brasileiros, têm o objetivo único de dificultar o reinício dos trabalhos. O programa poderia ter sido prorrogado imediatamente após o pedido feito em agosto do ano passado, no entanto, "vamos ter de começar tudo do zero", desabafa Guerreiro.



O índio ajuda o cientista a lavar as mãos

Para ele, é absurdo que haja resistência a um trabalho que pode apontar a saída para um mal como a Aids. "Não houve resistência da Funai. Pelo contrário, para detectar a presença do vírus da Aids em índios lá fora, a Funai pediu inclusive a nossa colaboração para atendimento a todos os seus funcionários e pessoas que estão ligadas diretamente ao índio. O que foi encontrado nestas pesquisas agora é inusitado. Existem pessoas com anticorpos para um tipo de retrovírus que precisa ser estudado, identificado. Há possibilidade de muitas aberturas em termos de evolução do tratamento da Aids", disse o médico.

Ele lembrou as pesquisas podem ser demoradas, mas só elas poderão indicar a importância dessa descoberta. Tudo deve começar com o isolamento do vírus. Atenuado ou separado de sua parte nociva, o vírus sem a capacidade de produzir doenças poderá provocar uma reação satisfatória. O organismo, reconhecendo como estranho, reagiria produzindo anticorpos. Se o vírus fosse muito semelhante ao vírus nocivo, ou seja, ao que provoca a doença, uma vez administrado no indivíduo, formaria anticorpos que teriam ação sobre o vírus da Aids. Seria uma vacina. Uma reação cruzada que daria certo.